

repetir a experiência em novos moldes. Mas diz-nos a nossa prática docente e o nosso contacto com os alunos que as respostas definitivas não estarão muito longe destas. E estas já são uma boa base de reflexão.

É pois, com este ponto de partida, quase diria com este pano de fundo, que vou dar a palavra à Fátima Oliveira que nos vai falar da Linguística como disciplina formativa.

A LINGUÍSTICA COMO DISCIPLINA FORMATIVA

FÁTIMA OLIVEIRA / HENRIQUETA COSTA CAMPOS

Fac. Letras do Porto / Univ. Nova de Lisboa

No seguimento desta introdução, vamos perspectivar o Ensino da Linguística na Universidade em três vertentes:

- 1º .A Linguística como disciplina formativa
- 2º .A Linguística na formação profissional dos licenciados
- 3º .A Linguística na sua relação com outras disciplinas

Focaremos primordialmente a Linguística como disciplina formativa mas, é claro, consideramos estas três vertentes interligadas e só as separamos por necessidade de exposição.

Deve ser objectivo do ensino universitário a formação de profissionais competentes, não só informados mas sobretudo formados, sendo a Universidade o local, se já não foi anteriormente, para o fornecimento de instrumentos adequados aos vários domínios. Sem esses instrumentos, os alunos frequentarão um curso em que são ministra-

das informações variadas sem qualquer interligação e podem vir a terminá-lo sem serem capazes de reagir a novas matérias, sem espírito crítico, sem o mínimo de formação científica que deve estar presente num ensino universitário. Se a ciência não é perfeita e pode ser mal utilizada, ela é, contudo, o melhor utensílio que possuímos, que se corrige a si próprio, que progride sem cessar e que obedece a duas regras fundamentais: 1. não existem verdades sagradas, todas as asserções devem ser cuidadosamente examinadas com espírito crítico, não tendo os argumentos de autoridade qualquer valor; 2. tudo aquilo que esteja em contradição com os factos tem de ser afastado ou revisto. De acordo com esta posição, digamos que o saber não são conhecimentos acumulados mas organizados, e a possibilidade de utilizar e coordenar a informação.

Dentro desta óptica é também função da Linguística que se quer ciência, formar alunos cujos objectivos se distanciem de um "saber" dogmático, apressado, estanque, devendo nós estimulá-los, através do processo de encadeamento das matérias e da forma como as ministrarmos, a enfrentar o mundo e não a evitá-lo, a ter coragem de explorar a matéria mesmo quando esta difere dos seus desejos e preconceitos.

Mas que podemos nós fazer para estimular a curiosidade, o interesse dos estudantes das nossas Faculdades em quem se nota, cada vez mais, apatia, falta de objectivos? Não é, com certeza, através de "o saber não ocupa lugar" mas através de "saber para melhor compreender". Não é dando demasiada informação, mas trabalhando essa informação e não a mitificando, contribuindo, dessa forma, para uma sociedade mais aberta e desenvolvida.

Estas tarefas exigem muito do professor: uma reflexão profunda que lhe permita ser claro, um constante desafio de procura, investigação e adequação pedagógica.

A aula deve, assim, ser um lugar de confronto de teorias e destas com o quotidiano, para que os estudantes possam entender que não se trata de mais um assunto que têm que aprender durante um ano e

esquecer a seguir,mas sim uma forma de,através dos conhecimentos adquiridos,compreenderem melhor a vida e a relação que a Linguística tem com outros domínios do saber.

Devemos,então,perguntar-nos:será que os programas que fundamentam o nosso ensino e a pedagogia utilizada são os mais adequados? Será que temos uma visão da adequação da(s) teoria(s) que escolhemos aos objectivos que nos propomos?E quais são esses objectivos? Que pensamos nós do que é uma formação universitária,que questões nos colocamos no exercício da nossa profissão?

Sem pretendermos responder às perguntas que acabamos de formular e que esperamos venham a ser objecto de debate,vamos apontar três aspectos elucidativos da Linguística como disciplina formativa.

1º)É a Linguística que,ao constituir a língua e a actividade da linguagem como objecto de análise,lhes restitui a importância que raramente lhes é atribuída devido à banalização pelo uso quotidiano.

2º)É a Linguística também que revela ao falante-ouvinte e,em particular,a quem a utiliza como instrumento-objecto,a língua em toda a sua complexidade,em todas as suas potencialidades,mas em todo o seu poder e nos perigos que esse poder encerra.

3º)É a Linguística é ainda uma disciplina formativa mesmo independentemente do seu objectivo.Ao docente universitário são consignadas duas tarefas:a docência e a investigação que,em princípio,se complementam,devendo ser a aula um local em que se transmite e se dinamiza essa investigação.Da actividade investigativa são condição,e simultaneamente consequência,hábitos de raciocínio rigoroso e de criatividade controlada.A aquisição pelos alunos,destas capacidades,a par do entusiasmo e do prazer indispensáveis a toda a actividade de procura científica,são talvez a contribuição mais importante da Linguística no seu papel formativo.

Disto podem ser testemunho as afirmações de alguns alunos,e nem sempre os mais bem sucedidos em Linguística,em termos de

avaliação numérica: "Quando comecei a ensinar o que me valeu foi o que aprendi em Linguística"; "Finalmente estou a aprender coisas que me são úteis como professora de Português"; "Parece que agora até organizo melhor o meu pensamento"; "Agora sou capaz de reflectir com os meus alunos sobre coisas que antes nem notava". Estas afirmações, e outras do mesmo tipo, evidenciam que saber colocar um problema é meio caminho para o resolver, sem esquecer que uma resposta encontrada representa sempre novas perguntas.

Mas consideramos ainda que é necessário questionar a organização do curriculum de Linguística. E as questões que colocamos, entre outras, são as seguintes: será o curriculum que temos o mais ajustado em termos de horas atribuídas semanalmente e número de aulas anuais? Serão as cadeiras que os alunos actualmente têm, as mais adequadas? Não deveria ser introduzida no curriculum uma cadeira de Epistemologia das ciências humanas para lançar fundamentos que agora são, bem ou mal, trabalhados em cadeiras propedêuticas? E por que não lutar por um maior peso curricular da Linguística na sua articulação com, por exemplo, o estudo do texto, que não só literário, evidentemente. A Syntaxe e Semântica não deveria ser atribuído mais tempo, pelas repercussões que estas áreas podem ter noutros domínios?

Mas estas perguntas, e outras, sobre o papel da Linguística na formação profissional dos licenciados, serão retomadas ainda nesta mesa redonda.

ISABEL HUB FARIA

Faculdade de Letras de Lisboa

Um facto me parece fundamental isolar para a consideração do